



FNLIJ

Seção Brasileira do International Board on Books for Young People **iBbY**

DESDE 1968

Notícias 4

Abril 2012 | www.fnlij.org.br

Bartolomeu Campos de Queirós 1944 - 2012

Bartolomeu nasceu em 1944 em Pará de Minas, no centro-oeste mineiro. Sua cidade do coração, Papagaio, está presente nas suas narrativas pela vida simples e pitoresca do campo. Morou em Belo Horizonte, onde dedicava seu tempo a ler e a escrever prosa, poesia e ensaios sobre leitura, literatura, educação e filosofia. Educador, com diversas experiências em arte-educação, no Brasil e no exterior, atuou como consultor em diversas instituições. Participou ativamente do *Movimento Por um Brasil Literário*, desde a criação, em 2009, sendo o autor do manifesto do MBL.

Sua obra literária, com 60 títulos publicados, está dirigida às crianças, aos adolescentes e aos adultos. Está traduzida em outros países e já recebeu inúmeros prêmios nacionais e internacionais. São obras que abordam jogos de palavras em versos; a passagem do tempo; as relações familiares; a vida e a morte; a memória; a infância; a brincadeira; a existência e outros temas universais.



A FNLIJ dedica o *Notícias 4*, de abril, mês do Livro Infantil, ao escritor Bartolomeu Campos de Queirós, falecido em janeiro deste ano. Para apresentar a sua candidatura ao prêmio Hans Christian Andersen, na categoria escritor, nos anos de 2008, 2010 e 2012, a FNLIJ organizou um dossiê sobre sua obra. Bartolomeu foi um dos cinco finalistas nos três anos sob análise criteriosa de especialistas estrangeiros.

Com o seu jeito acanhado para falar do seu trabalho, o toque de simplicidade perpassa o dossiê. A feita foi partilhada intensamente com ele, o que diante da sua partida nos fez querer dividir com todos os amigos da FNLIJ e leitores do *Noticias* um pouco da sua história. Neste gesto, o sentimento é apresentar algo que ele tocou, viu, opinou e concordou, apesar das reticências quando insistíamos para colocar os elogios. Por limitação de espaço, alguns textos do dossiê sofreram cortes, mas a essência foi mantida.

Carta da FNLIJ, apresentando a candidatura de Bartolomeu Campos de Queirós, ao júri do Prêmio HCA-IBBY

É com enorme prazer que a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, como seção brasileira do IBBY, apresenta a candidatura de Bartolomeu Campos de Queirós para o prêmio Hans Christian Andersen, de 2012, na categoria escritor.

Bartolomeu começou a publicar seus livros na década de 70, juntamente com as autoras brasileiras vencedoras do Prêmio HCA Lygia Bojunga e Ana Maria Machado, além de outros grandes autores, e não parou mais. Suas criações fazem parte da literatura infantil brasileira contemporânea que promoveu uma mudança na linguagem dos textos para o público infantil e juvenil. Às características comuns a esse grupo como a linguagem coloquial, a ausência de fronteiras quanto aos temas e o uso de metáforas, Bartolomeu se destaca também pelo trabalho cuidadoso com cada palavra e pelo tom lírico de seus textos que mobilizam o afeto, a imaginação e o pensamento dos seus leitores. Sua obra é voltada para o público infantil e juvenil, com 60 livros publicados, entre prosa e poesia. Alguns de seus livros já foram traduzidos para outros países, devido à universalidade dos temas presentes em sua obra. Ao escrever a partir das suas observações sobre a infância e sobre a vida, sua literatura tem uma marca universal, com abordagem de temas comuns à humanidade.

Bartô, como costumamos chamá-lo carinhosamente, é autor de prosa poética indicada para crianças com domínio de leitura, de contos e relatos curtos; é também autor de poesia lúdica para crianças pequenas, caracterizadas, internacionalmente, como picture books ou livros álbuns, onde o autor brinca com a forma, sonoridade e semântica das palavras. Além disso, possui novelas em capítulos para crianças e jovens com experiência de leitura, bem como poemas bastante líricos e ricos em imagens oníricas.

Ele é um dos primeiros autores da literatura infantil e juvenil brasileira a fazer uso de uma prosa poética, que se aproxima muito do poema narrativo.

Seu compromisso com a beleza e com a arte, como direito de todos para uma vida melhor e mais justa, se reflete no cuidado de cada palavra de seu texto.

Sua linguagem, rebuscada na estética, trata de conteúdos complexos e filosóficos que ele consegue expressar de maneira própria e original. Pela lapidação que faz na busca das palavras e da construção das frases, seus textos são acessíveis a crianças pequenas e maiores.

Temas como vida e morte, perda, a passagem do tempo, infância, a relação do mundo adulto com a criança, característica também de alguns autores brasileiros, leitores de Monteiro Lobato, são abordados de forma única contribuindo para introduzir crianças e jovens no texto literário.

Detentor de inúmeros prêmios nacionais e internacionais, Bartolomeu participa ativamente do movimento nacional em prol da literatura, como direito para todas as crianças, jovens e adultos e seus textos são amplamente usados nas escolas, bibliotecas e eventos de todo país, inspirando e influenciando alunos e professores no modo de se relacionar com a leitura literária.

É um dos autores de literatura infantil e juvenil no Brasil que possui mais estudos publicados sobre a sua obra: são mais de cinco livros sobre a produção literária de Bartolomeu, além de outros ensaios e capítulos de livros.

A obra de Bartolomeu para crianças e jovens já faz parte dos clássicos brasileiros e esperamos que venha a ser cada vez mais conhecido de crianças e jovens de outros países.

Contribuição do autor à literatura infantil e juvenil

Por Maria Eugênia Dias de Oliveira, professora de Filosofia

Bartolomeu Campos de Queirós é um autor brasileiro de destaque. Escreve desde a juventude e, em suas obras, podemos acompanhá-lo dos tempos mais remotos até os dias de hoje. Sua poesia contém o arcabouço completo dos sentimentos. Qual Proust, Bartolomeu Campos de Queirós descreve o tempo perdido do passado; seus livros convidam o leitor a participar do eternamente incompleto esforço de descobrir que a felicidade pode ser encontrada em cada detalhe da vida.

Usando uma citação de Walter Benjamin, aprendemos que tudo um dia chega ao fim, mas pensar sobre o passado é uma tarefa contínua: depende da maneira como você se lembra do que vivenciou.

Dez livros de Bartolomeu foram enviados para o júri da Premiação Hans Christian Andersen. Todos já ganharam prêmios de literatura. São eles: *O olho de vidro do meu avô* – Prêmio Nestlé de Literatura; *Tempo de vôo*; *Sei por ouvir dizer* – Prêmio Jabuti; *Por parte de Pai* – Prêmio Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil; *Ciganos* – Prêmio Jabuti; *A árvore* – Altamente Recomendável / Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil; *Antes do depois* – Altamente Recomendável / Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil; *Index* – Prêmio Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil; *Faca afiada* – Altamente Recomendável / Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Todos receberam prêmios no Brasil.

A 4ª Edição do Prêmio Ibero-Americano SM de Literatura Infantil e Juvenil foi concedida à obra de Bartolomeu Campos de Queirós em 2008. Esses livros nos podem dar um resumo da rica produção literária desse autor. Neles encontramos memória e fantasia. O autor nos empresta suas palavras e imaginação. Ao ler esses textos, conseguimos atribuir um senso poético à nossa própria experiência de vida.

Index descreve a vida do autor em

menino. Divide-se em quatro partes: manhã abençoada, a força da nona hora, meio-dia completo, o tempo completo. Seu pai e sua mãe são os protagonistas nessa descrição poética da vida. Bartolomeu descreve a maneira como sua mãe tomava conta dos filhos, tratando de suas doenças, preparando o nascimento dos próximos, cuidando da casa, da comida e das mazelas, preparando celebrações religiosas e as festas de família. O pai é o exemplo do trabalhador: salário parco, determinação e coragem. Seu irmão e sua irmã desempenham papéis menores e participam da experiência na escola, onde aprendem a ler, escrever e fazer conta de cabeça. Mais adiante, o menino é enviado para a casa do avô de forma a poder frequentar uma escola mais avançada.

O título desse livro – *Index* – nos diz o que devemos esperar até o fim da história. E seguiu-se assim com *Por parte de pai* e *O olho de vidro do meu avô*. O primeiro nos fala do pai e da mãe de seu pai. As paredes da casa do meu avô foram meu primeiro livro, diz ele. Joaquim, o avô, tinha ganhado uma soma vultosa na loteria e resolveu parar de trabalhar. Passava o dia inteiro na janela, observando tudo que passava. Escrevia tudo que via nas paredes da casa. Todo dia, acontecimentos eram registrados ao pé das paredes; se houvesse alguma notícia impressionante, ele escrevia bem no alto. Ensinou ao neto que o mundo podia ser escrito.

O pai de sua mãe tinha sofrido um acidente e perdera uma das vistas. Desde então, usava um olho de vidro. O menino imaginava que ele conseguia usar o olho são para enxergar e que o olho de vidro lhe dava a chance de imaginar o mundo. Seu mundo imaginado deveria ser lindo, pois lindos eram ambos os seus olhos azuis. Não era problema, para ele, ter apenas um olho. Um dos olhos era verdadeiro; o outro, falso. E ser cego não era problema para alguém que não queria enxergar. O avô podia ver o mundo inteiro, pois se acreditava capaz de

entender que tudo no mundo é, por um lado, verdade e por outro, mentira.

Antes do depois nos fala da capacidade imaginativa. O escritor descreve o dia de seu batizado. “Quando nascemos, nossos olhos levam muito tempo para abrir. Acho que, no começo, temos medo de ver. Tentamos ser iguais ao alvorecer.” “Meu pai tinha 34 anos e minha mãe, 23... Eu nasci com 57 anos de idade. Sou o somatório de 34 com 23. Quando olho para essa folha de papel esmaecida pelo tempo, resolvo nascer outra vez. É começo a imaginar histórias e escrever.”

Faca afiada trabalha com a imaginação infantil e a capacidade de criar um mundo que se queira. O menino ouvia os pais conversarem e eles diziam que não valia a pena continuar vivendo quando se torna difícil caminhar e se fica cego. A avó morava na casa com eles e o menino imaginou que estivessem falando dela. Começou a duvidar se eram gente honesta ou se eram monstros. Não tinha o que fazer. E imaginou que fosse tudo um pesadelo.

Ciganos, descreve a experiência de uma criança quando um grupo de ciganos chega a sua cidade. Imaginou-os como a liberdade, a leveza, a alegria; eles não tinham limites nem um lugar onde ficar. “Sua vontade de ir embora era por falta de amor. Tudo em casa tinha um dono: as cadeiras, as camas, os pratos, os copos. Ele sentia falta de bondade e frequentemente sua solidão se mesclava com o barulho do chicote do pai nas suas costas.” “Na opinião de um menino tão solitário, os ciganos eram parecidos com o sol e capazes de alimentar o amor. Às vezes ele duvidava da própria vida, queria ser um cigano abandonado à porta de uma família desconhecida.”

Em *A árvore*, conforme Ninfa Parreiras: “testemunhamos o próprio ciclo da vida: nascer, crescer e envelhecer. Uma árvore que é uma companheira, que é uma presença na vida de um narrador, de um artista. A árvore é uma metáfora para a própria vida, oferecendo sombra e companhia,

ao mesmo tempo em que exige certo carinho. Essa obra nos faz refletir sobre nossa existência, sobre estarmos aqui neste mundo: por que nascemos e por que crescemos?”

Até passarinho passa descreve o sentimento de um menino ao descobrir que a vida é sempre limitada. Ele admirava a natureza, e os pássaros eram, no seu entender, um exemplo de completa liberdade. “Eu não pensava no significado do tempo passando. As pessoas falavam do paraíso, onde se vive na eternidade em meio aos anjos. Seria fácil um pássaro virar anjo. Já tem asas e o assobio, é leve.” Ele não esperava encontrar a morte, mas, certa manhã, “lá estava o meu passarinho, com as penas imóveis. Fiquei parado ali no canto limpo e frio da varanda.

Em pouco tempo, meu mundo se esvaziou.”

Sei por ouvir dizer é um texto que joga com histórias do tipo “era uma vez”. Resgata maneiras possíveis de se contar uma história. “Não era uma vez. Era três vezes uma mulher. Essa mulher nasceu no passado, nasceu no presente e nasceu no futuro. Dizem que está agora na última parte de sua vida. Ela costumava dizer que nasceu em três dias diferentes. Tinha três aniversários diferentes: o dia que jamais acontecerá, o dia sagrado de Nossa Senhora de todos os tempos passados e futuros, e o dia da mentira.” Acho que “a velha tirou os três óculos. Deve estar perto do paraíso, olhando para a sagrada trindade: céu, inferno e purgatório.

Precisa dos óculos para não escolher errado. Sabe como tirar tudo que a incomoda e ficar só com aquilo que gosta. Quando se sente só, seria bom usar os óculos que a ajudam a enxergar ao longe e vir me pegar. Eu gostaria muito de conhecê-la.”

Tempo de voo é uma longa reflexão sobre a vida e a morte. Um garoto conta para o escritor que ele tem rugas no rosto. O escritor explica que isso é uma coisa do tempo. O que o tempo faz? pergunta o garoto. “O tempo não tem dono nem preço. Não nasceu e nunca vai morrer. Não sabe quem são seus pais e não perde nada. O tempo amadurece o mundo.” Este texto busca apresentar apenas alguns aspectos da literatura de Bartolomeu Campos de Queirós.

Artigos e entrevistas sobre a obra de Bartô

No dossiê, foram apresentados artigos, comentários, cartas e uma entrevista com o autor. Reproduzimos, a seguir, alguns desses relatos sobre a obra do Bartolomeu.

Bartô

Zivaldo, escritor e cartunista

O Bartolomeu não existe. Ou, podemos dizer: já não há mais ninguém como o Bartolomeu. Discordo. Ele existe, definitivamente, e não tem nada deste negócio saudosista de se dizer que já fomos melhores. Estamos vindo por aí, bons e maus, doces e amargos, tristes e alegres. O Bartolomeu é poeta, nasceu com alma de poeta, o que o salvou. Ele é um homem generoso, que transformou suas dores em esperanças e afeto. Ele faz livros para crianças.

Longe do mar inventa-se um oceano

Márcio Sampaio, crítico de arte, professor da Universidade Federal de Minas Gerais

Em sua já extensa obra, Bartolomeu de Queirós permanece fiel a um projeto de escritura que faz da invenção poética, do trabalho com a

palavra nas suas diferentes instâncias um modo original de comunicação de experiências profundas: o verbo é o princípio, o núcleo da vivência do mundo. Memorialísticos ou de pura fantasia, seus textos surpreendem pela originalidade, pela forma como se constroem. São textos que retiram da linguagem, como se fora uma fruta, o caldo denso, transferindo para o leitor - tanto a criança quanto o adulto - o sabor da experiência. A obra de Bartolomeu se insere na esfera da chamada “literatura infanto-juvenil”, termo que, para o autor, não é restritivo, mas amplificador de um espaço muito especial de comunicação, e é tão melhor apreciada quanto maior a vivência que se tem da leitura. Pode-se afirmar que cada livro do autor funda uma nova experiência a ampliar-se no tempo, dentro da vida.

Bartolomeu Campos de Queirós

Fábio Lucas, crítico literário e escritor

O que há de invulgar no texto de BARTOLOMEU CAMPOS DE QUEIRÓS é uma leveza, uma transparência que não se traduz em superficialidade. Antes, constitui abertura para regiões profundas da

comunicação poética. Por isso, sua expressão consegue ser, ao mesmo tempo, simples e densa. Ler o seu texto é envolver-se de imediato com a magia das palavras, é seduzir-se com a beleza e a musicalidade da prosa.

Querido Bartolomeu, de todos nós, de todas nós

Vânia Maria Resende, professora, pesquisadora e escritora

Percorrendo a sua vida e a sua obra, desconfiemos de que você tenha sido abençoado por algum deus sutil e protetor da arte, amante da poesia. Retribuindo a essa distinção com que a sua individualidade foi contemplada, em troca, você potencializou a vida em muitas formas e dimensões, desdobrando-se em espaços, seres, fantasias. Na sua auto-apresentação, situamos referências ao seu nascimento (no ano de 1944, em Papagaio, MG), às suas origens versáteis, a que associamos marcas excêntricas do humor e da poesia, impregnados na sua interioridade e na sua linguagem:

“Sou mineiro de muitos interiores: Papagaio, Pitangui, Bom Despacho, Divinópolis, Belo Horizonte. Nasci em agosto, com sete meses. Por ser assim

alguns dizem que sou virgem; outros me apontam escorpião. Pelos meus muitos e frequentes afogamentos, e sempre caio de cabeça, desconfio secretamente que sou aquário.

Com tantas dúvidas aprendi desde cedo a escolher-me. Um dia faço-me cigano, no outro voo com os pássaros, no terceiro sou cavaleiro das sete luas para num quarto desejar-me marinheiro.” (Depoimento - Obra *Ab! Mar...*, 1985)

As faltas, as carências, as dores, que também fazem parte dos múltiplos eventos da vida, você soube driblar, sujeito ao encantamento de que o ser humano e o artista podem metamorfosear-se, nascendo a cada dia. Levado pela possibilidade de constantes renascimentos, a sua existência e a sua obra têm sido tecidas de maneira preciosa, para você e para nós, perfazendo caminhos de exuberante vitalidade criadora, atingindo a essência de universalidade.

Na sua crônica “... das saudades que não tenho”, reconhecemos a alusão à condição adulta do menino na infância, desmitificando falsas visões sobre a criança, mas também vemos refletidas peculiaridades de uma dimensão inédita do seu caráter - confirmado pelas condições externas da educação e da cultura -, afeito à solidão, ao silêncio, ao “mergulho de cabeça”, repetindo a sua própria expressão.

“Nasci com 57 anos. [...] Mesmo nascendo com 57 anos estava aos 60 obrigado a ser ainda criança. [...] Nesse tempo, eu me equilibrava entre a nostalgia de ter nascido e o medo da morte. Conceito que conservo até hoje com meus aproximados 500 anos.” (Crônica “... das saudades que não tenho”, 1983).

Identificamos nesse mergulho uma tendência antiga e nata ao guardar-se na profundidade subjetiva que parece mesmo remontar ao tempo do menino dos “muitos interiores”, afetado pelo sentido do mistério, do invisível, acordado por perdas e dores, e cercado de afetos, histórias, memórias cotidianas, familiares, regionais, e de tradições remotas – heranças de medos e segredos velados. O menino antecipa a relação madura com a

existência e com a realidade, atento e sensível, assimilando experiências que carregam o peso de anos com faltas ancestrais.

SÃO TANTOS O BARTOLOMEU! SERIA POSSÍVEL SAUDAR TODOS EM UM? QUEREMOS SAUDÁ-LO NAS SUAS VÁRIAS DIMENSÕES.

O escritor apurado e exigente, que se tem destacado na história da literatura nacional contemporânea, contribuindo, extraordinariamente, para a qualificação da produção editorial para crianças e jovens no Brasil, desde o início da década de 70. Amado pelos leitores infantis, juvenis e adultos; valorizado pela crítica e pelas pesquisas acadêmicas; pelos muitos prêmios nacionais e internacionais; homenageado e condecorado inúmeras vezes, por várias instituições; lido em outros países, traduzido em francês, inglês, espanhol, dinamarquês. Bartolomeu de intensa e incessante produção intelectual e literária, à frente de funções editoriais; organizador de antologias; tradutor; escritor de uma obra rica, e, embora vasta, cuidada, primando pela concisão poética.

Aplaudimos, então, o Bartolomeu, exímio construtor de universos literários, em que a matéria-prima é a fantasia, forjada nas mãos do artífice do verbo que elegeu a arte como ofício. Que tem na palavra e na forma do imaginário o veio inaugurador de vida. Que se entrega lucidamente às questões que envolvem o seu fazer, pensado, elaborado e refeito a partir de aguda consciência crítica e do compromisso estético.

SAUDAMOS a dimensão de Bartolomeu disciplinado na sua lida lapidar, construtor de sonhos, do novo, que reconstrói o tempo perdido, a Infância imemorial. A construção poética generosa você compartilha, Bartolomeu, exercendo a escrita literária como ato que não se basta, incompleto. Evocando palavras suas, “escrever é arriscar-se, ao tentar adivinhar o obscuro, enquanto ler é iluminar-se com a claridade do já decifrado”, “jogo de invenções e possibilidades”. Neste sentido, a poesia da sua literatura prossegue iluminando e, na imensa teia de recriação dos leitores, cresce em contínua vibração.

SAUDAMOS o Bartolomeu preocupado com a qualidade do texto oferecido às novas gerações, comprometido com a qualidade da sua criação literária. O seu pensamento se volta à formação do futuro leitor, tendo em vista o adulto que venha a ser capaz de usufruir as grandes obras universais:

“[...] eu me indago: será que esta literatura para jovens que está sendo produzida em nosso País hoje irá formar um leitor da grande obra universal? [...] De minha parte, exijo muito do escritor, principalmente do infantil, pois acho que ele tem uma responsabilidade muito grande: ou ele entra no mundo único, da brincadeira da infância, ou irá construir uma obra que será capaz de formar um futuro leitor da grande obra universal.” (Entrevista - Jornal *Estado de Minas*, 16/2/1997)

SAUDAMOS o Bartolomeu de ações dinâmicas de função política, empenhado na transformação social, sonhando com caminhos de liberdade e justiça, acreditando que a leitura possa ser um desses caminhos. De rica formação, adquirida inclusive no Instituto Pedagógico de Paris, o educador e arte-educador segue trabalhando em paralelo ao ofício do escritor, sendo presença destacada em várias instâncias de atuação, desde os anos 70. É relevante a sua contribuição, respaldando movimentos de empresas, fundações, setores governamentais, etc., com reflexões importantes ao desenvolvimento de projetos de promoção da leitura. Sua ação se estende a ministrar conferências e seminários sobre educação, leitura, literatura, e a funções de assessorias e gestões. Foi presidente da Fundação Clóvis Salgado do Palácio das Artes de Belo Horizonte; membro do Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais; do Conselho Curador da Escola Guignard; membro do Conselho Curador da Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte.

Numa das mais recentes ações, responsabilizou-se pela redação e leitura do manifesto “Por Um Brasil Literário”, lançado na Festa Literária de Parati (FLIP), em 2 de julho de 2009, por iniciativa de instituições responsáveis por alguns projetos de leitura no Brasil. O seu texto considera

que “todas as atividades que têm a literatura como objeto central serão promovidas para fazer do País uma sociedade leitora”, acreditando que

“Liberdade, espontaneidade, afetividade e fantasia são elementos que fundam a infância. Tais substâncias são também pertinentes à construção literária. Daí, a literatura ser próxima da criança. Possibilitar aos mais jovens acesso ao texto literário é garantir a presença de tais elementos – que inauguram a vida – como essenciais para o seu crescimento.” (Trecho do Manifesto “Por Um Brasil Literário”).

Como crítico de arte, Bartolomeu integra júris e comissões de salões; realiza curadorias; prepara museografias de exposições.

O Bartolomeu crítico, de aspirações politizadas, inerentes ao educador, ao arte-educador e ao escritor, tem na interface o Bartolomeu de feições humorísticas, contador de histórias insólitas, algumas próximas do *non sense*, procedente até mesmo do cotidiano e de comportamentos estranhos de figuras humanas – revelações do repertório espantoso e cômico da vida, que o olhar do escritor flagra. O humor em que as sutilezas do riso vão até ao ponto da ironia, tem na expressão de Bartolomeu a contrapartida alegre, produzida pelo jogo lúdico da criação literária: “Toda palavra eu corto, recorto, parto, brinco com ela. É que o humor abranda.” (Entrevista a Ebe Maria de Lima, na obra da autora *Literatura sem fronteiras*). Saudamos no caráter do escritor a convivência do ludismo brincalhão com o humor fino, que faz pensar e perceber faces reversas.

Fiel à destinação poética, Bartolomeu, você tem cumprido a vida como uma multiplicação criativa e, livre, você tem se reinventado nos muitos voos. Leveza e brevidade na escrita são reflexos da sua relação com a temporalidade:

“Acho muito difícil lidar com o tempo. Tem um tempo que já passou, que eu não toco mais, e tem um tempo que está para vir, mas não sei a medida dele. Então tenho feito textos cada vez mais curtos. [...] Não dou mais conta de fazer promessas longas.” (Entrevista - Jornal *Notícias do*

Salão nº 4 da FNLIJ – setembro de 2003)

Somos privilegiados e privilegiadas por sermos contemporâneos, Bartolomeu, e na convivência pessoal e nas leituras, desfrutar a sua presença, a sua amizade, o seu afeto, e, principalmente, a cumplicidade, que nos une – leitores e artista –, quando povoamos a beleza da sua linguagem. Rendemo-nos aos frutos do que o deus da arte legou ao seu espírito: a sua criação literária, lavrada com palavras plenas da abertura que você lhes atribui, considerando-as “portas e janelas”. A sua palavra poética perpetua sopros infinitos de vida, tanto para você, quanto para os que o lêem hoje e os que o lerão no futuro.

NO PERCURSO DA DESTINAÇÃO POÉTICA DE BARTOLOMEU, SAUDAMOS O ENCONTRO HARMONIOSO ENTRE O FILÓSOFO, O MENINO E O POETA.

O filósofo, de perspicácia metafísica, aliado do silêncio, de onde vem o senso reflexivo, base do refinamento da literatura do escritor. Da prematura convivência entre o espírito reflexivo do homem e a natureza espontânea da criança, diálogo entre o menino e o adulto, forma-se a percepção complexa do poeta.

O último livro lançado – *Tempo de voos*, 2009 – nos dá a chave, contendo a síntese do encontro entre Menino e Adulto-escritor. A narrativa poética passa a limpo as inquietações com a efemeridade da vida, a perplexidade com a passagem do tempo, que povoam a consciência humana e criadora. O conflito se processa no diálogo do menino e o adulto, propiciando a revelação de um sentido reconfortante do tempo:

“Voltei para o antes. Carregava comigo minha antiga infância. E o menino que morava em mim não mais travou sua língua. Continuou a me interrogar sobre coisas impossíveis de responder. Meu coração, pesado de perguntas, se agitava, festivo, ao supor que o tempo é um saboroso presente. Franzi novamente a testa.”

Na obra intelectual e literária de Bartolomeu podemos mergulhar

em diversas perspectivas: educativa, político-social, humorística, filosófica, psicanalítica, poética, entre outras. Mas, na co-existência da Criança e do Homem, vislumbramos o manancial de permanente fluidez da poesia, alimento da palavra artística; essa afinação entre os seres, distantes na objetividade cronológica, mas inseparáveis na confluência subjetiva dos tempos da existência, é o amálgama que atravessa a literatura do escritor.

SAUDAMOS, ENTÃO, ESTE MENINO E ESTE HOMEM EM SINTONIA no artista Bartolomeu Campos de Queirós e na sua arte. Eles, juntos, definem um estilo; fundamentam uma visão estética; preservam a fantasia; sustentam formas expressivas que equilibram a manifestação lúdica e o amadurecimento crítico.

A palavra do poeta que você é, Bartolomeu, transgride fronteiras prosaicas, banais, turvas. Reinventa, renova, ressuscita, inaugura. Escrever poeticamente é a bênção maior, porém, não confundida com talento gratuito, sem esforço e labor. A arte, para você, é dar o melhor que você tem na lapidação da escrita, buscando precisão e simplicidade levadas ao essencial. Nas linhas do seu texto se inscreve a liberdade, porque, para você, “viver em estado poético é viver em liberdade” (Entrevista ao jornal *Estado de Minas* de 28/3/1989), e a palavra criadora pode realizar a transposição de enigmas e mistérios com um sentido de vida: “Por meio da literatura sou capaz de suportar e de carregar o tempo para o ainda indecifrável, para o que me aflige.” (Entrevista ao jornal *Notícias do Salão nº 4, da FNLIJ, setembro de 2003*).

SAUDEMOS O BARTOLOMEU POETA! E que deuses de todas as crenças continuem protegendo-o e acalentando a poesia no homem e no escritor, que nascem a cada dia, confiando na vida com a sua surpreendente capacidade renovadora, sabendo que “viver é nascer todo dia, é jogar fora um monte de coisa e tornar a inventar.” (Entrevista - vídeo “O autor e sua obra” da FNLIJ, 1988). Estas são as melhores bênçãos que lhe desejamos: o fluir poético no renascimento constante, mantendo-lhe o poder de arte e de vida.

FLIST homenageia Bartolomeu*

Luiz Raul Machado, escritor e especialista em literatura infantil

Bom que existe dedicatória. Bom que o autor além de assinar ponha a data no livro dado. Lá está: 28 de outubro de 1974. Primeira edição do primeiro livro do Bartolomeu: *O peixe e o pássaro*. Com letra miúda e bonita escreve o poeta:

“Luiz Raul, o que me faz gostar de pássaro e de peixe é a ausência de rastro no caminho dos dois. Com meu abraço, meu agradecimento pelo *João Teimoso*.”

Como o meu primeiro livro (*João Teimoso*) saiu na Bienal de São Paulo de 1974, vejo que, pouco depois, fui a Belo Horizonte (capital de Minas Gerais) onde o querido Dr. Edgar da Mata Machado nos apresentou. Dr. Edgar dirigia a editora *Veja* que primeiro acreditou no Bartolomeu e publicou *O peixe e o pássaro*. Depois, me lembro de um encontro na casa da querida Antonieta Cunha, na época do nascimento da editora Miguilim. Mais adiante, ainda, ele – sabendo da minha admiração pela poeta, me levou na casa de Henriqueta Lisboa (o mesmo apartamento em que ele vive hoje).

Meu segundo livrinho (*Cabeça de cebola*) dediquei a ele, pressionando-o para que pusesse por escrito uma história que ele dizia que era só pra contar. Ele nunca escreveu a história do menino de cabeça de limão, mas me deu de presente o livro *Raul*, desentranhado do poema de Cecília Meireles, ampliando a interminável conversa entre poetas.

Quase 40 anos rolaram desde então. Minha admiração pelo Bartolomeu só fez crescer a cada encontro, cada reunião da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ, cada mesa-redonda, cada palestra. A gente fica sem saber se ele fala melhor do que escreve ou se escreve melhor do que fala. O que só aumenta o privilégio de quem escuta seus discursos feitos em tom menor (dele) e emoção maior (nossa). Afinal, livro a gente lê em qualquer tempo e lugar, ver o poeta falar só se estiver lá.

Bendigo a minha desorganização e falta de método, porque quando vejo uma relação da obra de Bartolomeu

constato que ainda não li alguns. Apesar de ter relido muitos e lido muitas vezes. Bom, porque sempre tem uma descoberta.

De alguns eu gosto mais, em outros eu implico com isso ou aquilo. Não tem importância. E tem aqueles de que eu gostava menos e, depois de reler, vejo que são maravilhosos. Meu ouvido é que estava torto. A gente vai afinando os instrumentos.

O certo é que o texto do poeta é seta certa. O leitor sai sempre melhor, tem sempre uma coisa nova que instiga, que vibra, que faz abrir um sorriso ou ensaiar uma lágrima. Os grandes temas estão lá: mãe, pai, avô, amor, desencontro, jogo de palavras, morte, solidão, criação, sentimento religioso sagrado ou profano, mar, bichos, memória vivida ou recriada.

Agora, Bartolomeu nos dá um presente especial: *Vermelho amargo*. Quase digo que é um livro para adultos, não fosse alimentar a eterna e inútil discussão sobre o que é literatura para jovens. É claro que o jovem que já é leitor e é sensível vai mergulhar nesta novela – o livro mais machucadamente pessoal do autor. O narrador percorre a difícil e inevitável via-crucis em busca da maternidade, tendo como fio condutor a espantosa metáfora da cor e do amargor do tomate. Os parágrafos iniciais alternam a presença opressiva da madrastra e a ausência dolorida do carinho da mãe. Em breves e precisas pinceladas, o pai e os irmãos surgem para o leitor como personagens inesquecíveis: o que comia vidro, a que miava no lugar de gato mudo, a que bordava em ponto-de-cruz e que abraça uma cruz em sua vida. A descoberta do escondido amor no porão. A partida dos irmãos, um a um, em contagem regressiva que anuncia a solidão.

Vermelho amargo imprime no coração do leitor a marca indelével da sensibilidade e da poesia. Logo que terminei de ler, falei com Nínia Parreiras, amiga autora de um livro lindo sobre Bartolomeu (*De janelas abertas, no prelo*). Ela me perguntou: “*Que tal o Vermelho amargo*”? Eu disse: “Pode ficar na estante ao lado de *Perto do coração selvagem*, de Clarice Lispector”.

Queria terminar com uma palavra do poeta. Em 2005, minha filha organizou uma exposição e um seminário sobre

cadernos, privilegiando o processo de criação. Chamava *Cadernices*. Para o encontro, selecionei citações de grandes escritores falando sobre cadernos e escrita. Lá estavam João Cabral de Melo Neto, Aníbal Machado, Carlos Drummond de Andrade, Manoel de Barros, Lygia Bojunga, Ana Maria Machado, Sophia de Mello Breyner, Hans Christian Andersen, Guimarães Rosa, Mía Couto, Stella Maris Rezende e outros. E Bartolomeu, é claro.

Dizia ele (em *Ler, escrever e fazer conta de cabeça*):

“Escrever, eu já andava rabiscando mesmo antes de entrar para a escola. Escrevia nas paredes do galinheiro, no cimento de tanque ou no passeio da rua. Arranjava um pedaço de carvão, de tijolo, de caco de telha, pedra de cal. Minhas irmãs me pediam para traçar amarelinha no quintal. Eu caprichava. Usava uma vareta de bambu sobre a terra batida. Além de fazer as casas bem quadradas e certas, ainda escrevia os números e as palavras céu e inferno. De tanto as meninas pularem em cima, as palavras se apagavam, aos poucos, mas escrever de novo não era sacrifício para mim.”

E depois: “Escrevi em meu caderno uma redação sobre a história de um homem que gostava de vidros vazios para encher de gratidão. Meu pai me disse que eu não tinha vocação para as letras.”

Nunca um pai se enganou tão redondamente. A vocação se firmou pela vida afora, para encantar seus leitores com palavras tão cuidadosamente escolhidas.

A nós, resta entregar ao poeta um vidro cheio de gratidão.

* Bartolomeu Campos de Queirós foi o homenageado da última edição da Feira Literária de Santa Teresa – FLIST 2011, organizada pelo Centro Educacional Anísio Teixeira – CEAT, no Rio de Janeiro.



Entrevista concedida pelo autor ao jornal Estado de Minas

A voz doce das palavras

Com importante obra infanto-juvenil, Bartolomeu Campos de Queirós vai além da limitação dos gêneros e se firma como um dos autores brasileiros mais respeitados no país e no exterior

Por *Carlos Herculano Lopes*, jornalista

Um guerreiro da vida e da palavra. Talvez essa possa ser, entre várias, uma das definições para esse ser múltiplo que é o escritor Bartolomeu Campos de Queirós. Mineiro de Papagaio, Região Central de Minas, 65 anos, há algum tempo ele esteve internado durante várias semanas no CTI de um hospital em Belo Horizonte. Mas está em plena recuperação. Enquanto não começa a escrever novamente, vai curtindo sua última cria, o livro *Tiempo de vuelo*, publicado na Espanha, Noruega, França e México, onde, em dezembro, ele ganhou o cobiçado Prêmio Ibero-Americano SM de Literatura Infantil e Juvenil. Dos mais de 50 livros lançados até hoje, seu maior sucesso continua sendo *Onde tem bruxa tem fada*, com milhares de exemplares vendidos. Embora seja conhecido como autor infanto-juvenil, Bartolomeu Campos de Queirós rejeita esse rótulo. “Quero que a minha literatura atinja as crianças, mas que também permita uma leitura de adultos”, disse o escritor em entrevista ao *Pensar*. Da própria infância, Bartolomeu revela as lembranças da mãe, que morreu quando ele tinha apenas seis anos e que cantava em meio ao sofrimento como quem buscava alívio. Em homenagem a ela, diz que também escreve para afastar a dor. Por isso a continuada exigência de beleza e a busca permanente da fantasia como forma de melhorar o mundo e as pessoas. Tantos livros publicados, muitos prêmios, reconhecido em todo o país e no exterior.

CHL - Quando você percebeu que a literatura havia entrado definitivamente em sua vida?

BCQ - Percebi isso aos poucos, ainda na adolescência, à medida que fui me dando conta que eu era um bom leitor, que me sentia muito bem lendo. Em um dado momento, então, vi que estava na hora de também registrar um pouco do que pensava e comecei a escrever. Antes disso, não pensava em ser um escritor: achava que iria ser caminhoneiro, como o meu pai. Ele transportava manteiga de Pitangui, que é pertinho da minha terra, Papagaio, para o Rio. Como as estradas eram ruins, as viagens, às vezes, costumavam durar até uma semana. Era uma aventura e tanto e cheguei a acompanhá-lo uma vez. Foi nessa época que me ensinou a dirigir: colocava um travesseiro no colo para dar altura, eu assentava em cima e ele me entregava o volante. Modéstia à parte, desde então sou bom motorista. A estrada sempre me fascinou, acho que minha gana por viagens começou por esses tempos.

CHL - Quando foi que o provável caminhoneiro

foi perdendo lugar para o futuro escritor?

BCQ - Quando fui estudar como interno em Divinópolis, no Colégio São Geraldo, onde fiquei durante cinco anos, até completar o ginásio. Lá comecei a tomar gosto pela leitura, incentivado pelo professor José Dias Lara, que me deu para ler romances de Machado de Assis, José de Alencar e José Lins do Rego. Fiquei entusiasmado. Mas sem me esquecer das viagens com meu pai. Foi na companhia dele, inclusive, que fiquei conhecendo o mar, em Copacabana. Mas confesso a minha decepção, pois o grande oceano com o qual eu sonhava, embalado pelas histórias do meu pai, era muito mais bonito do que o que eu vi.

CHL - Você preferiu então assumir de vez as montanhas?

BCQ - Com o tempo passei a gostar do mar. Mas prefiro as montanhas. Elas são mais aconchegantes, me embalam mais, me protegem. Gosto muito de viver em Minas, em Belo Horizonte, cidade que elegi como minha. Já morei fora várias vezes. Mas sempre com a certeza de que meu lugar, o porto seguro, é aqui.

CHL - Em quais circunstâncias se deram a sua vinda para Belo Horizonte?

BCQ - Depois que saí de Divinópolis fui para o convento dos dominicanos, em Juiz de Fora, onde também passei um bom tempo. Gostava daquele ambiente de silêncio e cheguei até a pensar em ser frade. Depois que saí de lá, em 1964, vim para Belo Horizonte e comecei a trabalhar com o poeta Abgar Renault, que era chefe do Centro de Recursos Humanos João Pinheiro. Em 1967 ganhei uma bolsa de estudos da ONU e fui para a França estudar no Instituto Nacional Pedagógico de Paris. Meu primeiro livro, *O peixe e o pássaro*, escrevi lá, mas ele só foi publicado em 1974, quando eu já estava novamente em Minas.

CHL - Quais foram as marcas que a efervescente Paris de 1968 deixou em você?

BCQ - Foi uma experiência muito rica ter podido pensar o nosso próprio destino. Naquele tempo, no Instituto Pedagógico, onde estudei, o aluno era apenas um consumidor, não podia emitir nenhuma opinião, participar de nada. As manifestações de 1968, então, surgem com os alunos tentando ser também investidores. No meu entender, toda a briga começou por aí, com as conseqüências que todos conhecem. Eu participava de um comitê formado por portugueses e mexicanos e cheguei a participar de passeatas, ajudar a formar barricadas, enfrentar a polícia, essas coisas todas que

também aconteceram aqui.

CHL - O que *O peixe e o pássaro* significou no início de sua carreira?

BCQ - Com ele ganhei meu primeiro prêmio, o João de Barro, da Fundação Municipal de Cultura da PBH. Nessa época conheci Henriqueta Lisboa, que tinha participado do júri, e nos tornamos amigos de toda a vida. Ela foi a minha grande mestra na reflexão do que é escrever para crianças. Dom Marcos Barbosa também publicou um artigo no *Jornal do Brasil*, sobre o livro, no qual indicava a Carlos Drummond de Andrade a sua leitura. A partir daí, as editoras começaram a me procurar e não parei mais.

CHL - Da publicação do primeiro livro até hoje, passaram-se 35 anos. Nesse período você conseguiu acompanhar a evolução de sua escrita ou as coisas foram acontecendo espontaneamente?

BCQ - Consegui perceber que, com a publicação de cada livro, a gente fica mais exigente. Vai colocando mais em prática aquela máxima de Carlos Drummond de Andrade, quando ele disse que “escrever é cortar”. Hoje enxugo mais o texto, dou mais valor à importância da metáfora como uma figura que possibilita várias leituras, diferentes interpretações. O que tento atualmente, na minha escrita, é fazer uma literatura sem fronteiras demarcadas. A respeito disso existe uma tese de doutorado feita pela professora Ebe Lima, da Universidade Federal de Goiás. Eu também persigo isso. Quero que minha literatura atinja as crianças, mas que também permita uma leitura dos adultos. Felizmente, acho que isso vem acontecendo.

CHL - Você é um dos autores brasileiros que mais viajam para participar de seminários, bienais e congressos de literatura. O que fica para você dessas andanças todas?

BCQ - Eu me nego a falar da minha obra; nunca falo do que escrevo. Sempre que me convidam é para falar sobre formação de leitores, a leitura na escola, porque toda a vida fui ligado a professores, à sua formação, essas coisas. Para mim, falar da leitura é muito bom, porque sempre achei que uma pessoa que tem o gosto pela leitura está salva, nunca vai se sentir sozinha. Nos dias atuais, me encanta muito, em minhas andanças pelo Brasil, o grande interesse que existe pelo crescimento da formação de leitores. Os responsáveis pela educação no país estão sentindo que o que muda o mundo é a fantasia. Que todo o real que nos contorna antes passou pela fantasia de alguém. E a escola, hoje, felizmente, está vendo que a literatura é feita de fantasia. Sendo assim, nutrir

o aluno com a fantasia é investir em um mundo novo, mais sensível, mais refinado, mais humano. Com o tempo é que vamos sentir o efeito dessa mudança.

CHL - Voltando ao início da conversa, ao tempo da infância. Além das viagens com o pai caminhoneiro, que outras lembranças ficaram?

BCQ - Tive uma infância muito cheia de altos e baixos. Feliz, porque vivia no interior, nadava nos rios, buscava frutas no mato, brincava com meus amigos. Ouvia o meu avô Queirós, que contava histórias. Mas de tudo isso – e acho que nunca

falei a respeito em uma conversa – ficou uma coisa que me marcou muito: quando minha mãe morreu, aos 33 anos, de câncer, eu era muito pequeno, estava com seis anos. A doença dela foi prolongada e ela sofreu muito, porque era uma pessoa de muita vitalidade. Ela tinha uma voz bonita e, quando se assentava na cama e cantava, era porque estava sentindo muita dor. Suas canções, então, atravessavam a casa, invadiam o quintal, ganhavam as ruas. Nunca pude esquecer disso. Comigo, hoje, também se dá o mesmo: depois desses problemas todos que tive,

com tantos dias internado, quando a dor é muita, eu escrevo, talvez em homenagem à minha mãe, que cantava.

CHL - Dessa experiência da internação, da solidão dos dias passados no CTI e da dor, o que ficou para você?

BCQ - A certeza de que somos muito frágeis. De que devemos ter muito cuidado na vida, porque ela não tem ontem, só amanhã. Para quem passou por uma experiência como a minha, isso fica muito claro.

Os dez livros enviados ao júri do Prêmio HCA-IBBY

1 - *Indez*. Miguilim, 1988.*

As lembranças da infância tem se constituído, ao longo do tempo, numa das principais fontes de inspiração literária. Desde Proust, que fez da memória o elemento da reinvenção da narrativa, passando por José Lins do Rego, Helena Morley, Pedro Nava, Fernando Sabino e tantos outros. Ao trabalhar essa matéria, Bartolomeu Campos Queirós ganhou o Concurso Internacional de Literatura Infantil, promovido por editoras do Brasil (Miguilim, de Belo Horizonte), Canadá, Noruega e Suécia, que agora lançam em cada país este belíssimo *Indez*.

Desde o título, *Indez* nos intriga. Que significa essa palavra desconhecida do público leitor urbano? Nosso amigo Aurélio, sempre presente, é preciso: “ovo indicador; ovo que se deixa no ninho para servir de chama às galinhas.” É como um ser diferente que Bartolomeu se vê na figura do menino temporão, Antonio. Centro dos cuidados da mãe entre muitos irmãos, saúde frágil, jeito sonhador. A narrativa o acompanha desde o nascimento até o momento em que deixa a casa para continuar os estudos aos quais era destinado.

Embora um texto memorialístico, o encanto de *Indez* não se encontra em fatos especialmente interessantes ou engraçados. O que cativa o leitor atento são os pequenos detalhes que o autor explora: os ditados que governam a vida, as crendices que curam todas as doenças, a religiosidade sempre presente, a alegria e a juventude da mãe sempre pronta a abrir a seus

filhos os caminhos da imaginação, a seriedade do pai ensinando o amor à palavra escrita. Essa é a lição que Bartolomeu Campos Queirós não cansa de passar a seus leitores: o saber e o prazer caminham juntos e são, como a alimentação, essenciais. Não se pode separá-los. A poesia de seu texto é um exercício contínuo de emoção que nós, seus leitores, temos o privilégio de compartilhar.

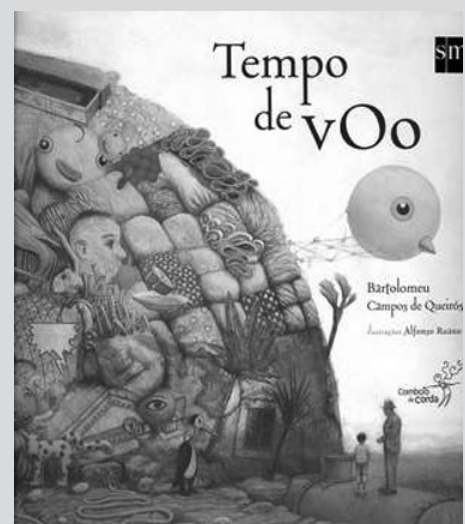
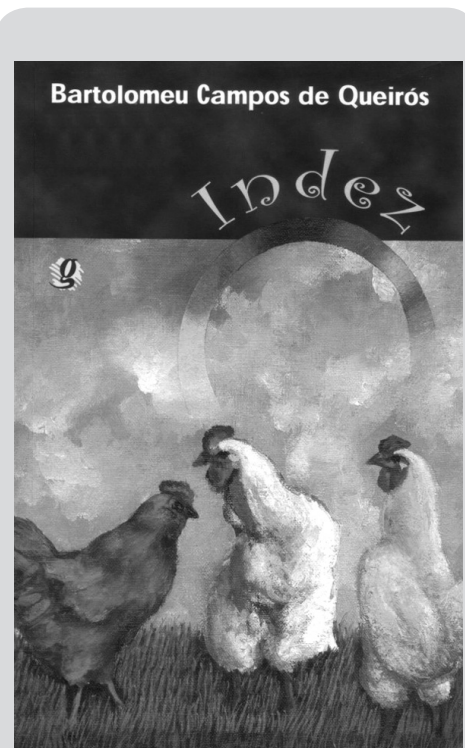
Laura Sandroni, especialista em literatura infantil, foi membro do júri do Prêmio Hans Christian Andersen, em 2002 e 2004.

* Resenha publicada no jornal O Globo, 31/3/1989

2 - *Tempo de vôo*. Comboio de Corda, 2009

Refletir acerca do tempo tem sido uma tarefa para muitos filósofos, matemáticos, físicos e poetas. Em *Tempo de vôo*, Bartolomeu Campos de Queirós elegeu o tempo como fio enredador num percurso filosófico e literário tecido no diálogo entre um senhor e um garoto. Eles conversam sobre a infância, a passagem do tempo, as marcas deixadas na pele, no corpo, no coração; sobre os sonhos, as fantasias, a memória, a realidade, a morte e a vida.

No diálogo entre o adulto e a criança, o tempo é tema complexo, pouco palpável, tantos enigmas estão presentes sob várias formas: às vezes ele é invisível, mas tem mãos, barriga, coração e pés de galinha; noutras vezes é ligeiro e intocável, aventureiro, frágil e amedrontador; é fio, é flor, é relógio, é



sol; ele faz cócegas, desbota as asas da borboleta, dá presentes... São inúmeras as metáforas usadas pelo autor para descrever o tempo.

O autor das belíssimas ilustrações é Alfonso Ruano. Elas não só acompanham o conteúdo do texto como o enriquecem num diálogo que funde palavra e imagem. O tempo é percebido/sentido como: sonho; experiência; algo ingênuo; como o velho; o novo etc. Tudo isso faz pensar e provoca no leitor uma sensação de constante estranhamento.

Tempo de voo é um texto intrigante, filosófico, poético e, ao mesmo tempo, envolvente, por meio das palavras e das imagens. Uma leitura provocativa para o jovem que vive em meio a tantas atribuições em seu cotidiano urbano.

Maria Tereza Bom-Fim Pereira, membro do júri do Prêmio FNLIJ

3 - *A árvore*. Paulinas, 2010.

Com uma obra em prosa e poesia... Onde escreve prosa, há poesia; e onde escreve poesia, aparece a prosa. Uma ambiguidade que arrebatou o leitor: em trânsito por gêneros e caminhos líricos de dubiedade e de plurissignificados.

Frases curtas, de sentimentos condensados são algumas das características de seu texto. Suas obras estão indicadas às crianças, aos adolescentes, aos adultos, principalmente as de caráter filosófico e existencial, como esta nova publicação, *A árvore*, das edições Paulinas.

Aqui, a admiração do poeta por uma árvore abre um texto poético, cheio de revelações e reflexões sobre a vida, o tempo, a natureza, o amadurecimento, o olhar, as mudanças. Quem é o poeta? De que é feito um sonho? São perguntas sem respostas, que nos coloca o texto de Bartolomeu. Ele brinca com o silêncio, o inexplicável, os afetos... Traz valores universais que andam desgastados na nossa prática, tão importantes para as crianças e os adolescentes: a sensibilidade e o respeito à natureza; a admiração do belo, o respeito entre as pessoas.

Acompanhamos, com *A árvore*, o próprio ciclo da vida: de nascimento, de crescimento e de envelhecimento.

Uma árvore que é companheira, que está presente na vida de um narrador, de um artista. A árvore é a metáfora da própria vida, que nos oferece sombra e companhia e nos demanda cuidados. Obra que nos faz refletir sobre a nossa existência, o nosso estar no mundo: para que nascemos e crescemos?

Ilustrações do artista Mário Caffeiro trazem detalhes da árvore e sua relação com os animais, os humanos, o ambiente, a cidade, a poesia. Belíssimo casamento de texto e ilustrações, *A árvore* nos mostra como a generosidade faz parte da vida e como o ato de escrever e o de criar são gestos de generosidade.

Ninfa Parreiras, especialista em literatura infantil

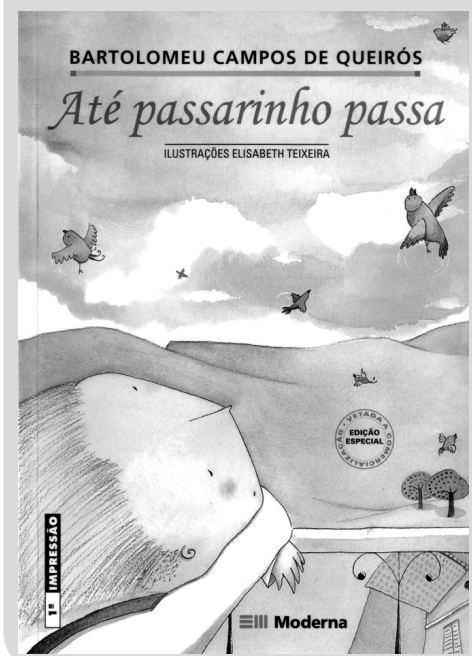
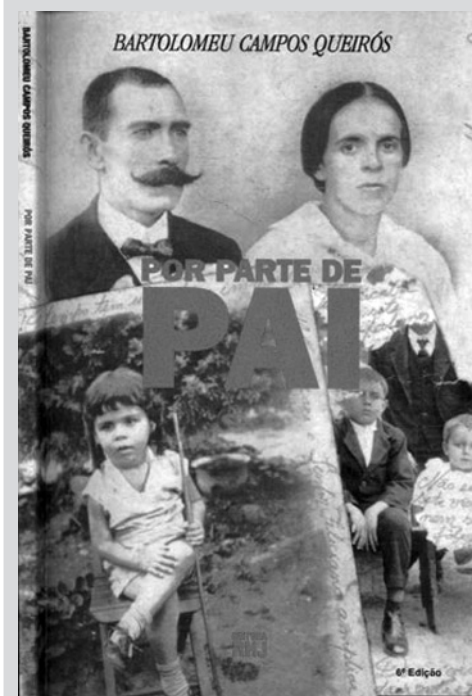
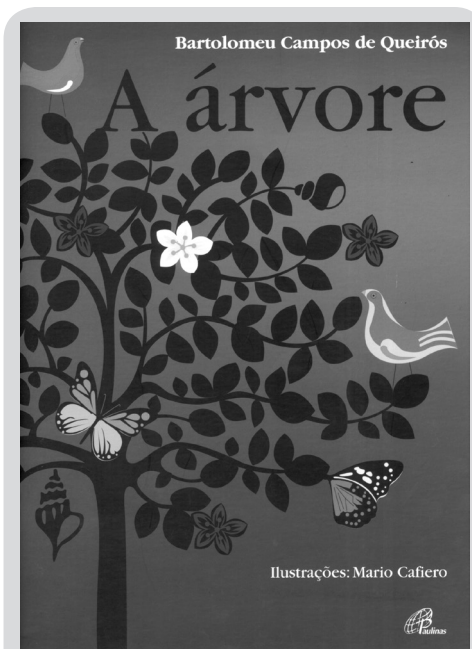
4 - *Por Parte de Pai*. RHJ, 1995.

Quando uma infância é rica em seus vários aspectos ela pode se expandir, transbordar no tempo e se expressar em cores, música e poesia, pela magia de um artista. Para isto, é necessário que o menino antigo tenha guardado com carinho pela vida afora, com muita sensibilidade e observação, memória e, sobretudo coração iluminado, e a resgate pela palavra escrita. Aí então se configura a emoção vivida, transformada pela arte.

Este livro é testemunho disto. As palavras, aqui, se acomodam sem maiores tensões, harmoniosa arquitetura verbal e de idéias. E na simplicidade que enobrecer extraordinariamente o texto, pelo que contém de conquista, vai-se desenrolando a experiência vivida.

Uma vida simples, uma cidade do interior, personagens comuns, o tempo correndo liso e manso, eis a matéria deste texto que o autor oferece a todos, sem catalogações limitadoras, como toda a sua obra, por que um trabalho de arte tem o dom de ser admirado por todas as faixas etárias. Um mútuo amor calado, imenso, perpassa pelas páginas deste livro em que o avô reina e o neto é o seu súdito encantado. É um registro de fatos, ora poéticos, ora curiosos, vai-se revelando ali, na conquista de um tempo que não retoma, a não ser pela magia da literatura.

Quem nos oferece esta viagem



encantadora é um menino que ainda guarda, entre pequenos sinais elaborando hoje sua maturidade, a infância cheirando a alfazema com suas lembranças que não se perderam nas esquinas: Bartolomeu Campos Queirós.

Yeda Prates Bernis, poetisa

5 – *Até passarinho passa*. Moderna, 2003.

A obra *Até passarinho passa*, trata da vida, do tempo e dos mistérios que cercam o mundo de uma criança. Para começar pelo título, vemos que permite leituras e reflexões: um passarinho passa (atravessa) pelo céu ou um passarinho passa/vai embora ou um passarinho que virou passado... e muitas possibilidades de associações. Além disso, é um título com sonoridade, com palavras postas com musicalidade. E começa com a palavra até, o que imprimi um sentido de memória, passado. Mas também presente porque atualiza o passado. O conto mostra a relação delicada entre um menino e um pássaro. Eles estabelecem uma amizade feita em diálogos silenciosos... O conto sugere diversas conexões com os afetos e as perdas. Aí reside a grandeza da história: ela não fecha uma interpretação, ela abre caminhos de diálogo do leitor consigo mesmo. O autor não assume posições morais, nem cria preconceitos; a história simplesmente deleita quem a lê e se apropria dela.

Ninfa Parreiras, especialista em literatura infantil e juvenil

6 – *O olho de vidro do meu avô*. Moderna, 2004*.

Mais recente livro do premiado autor mineiro, *O olho de vidro do meu avô* relata com grande força poética, fragmentos da infância do narrador, vivida junto a um avô que fascinava o menino pela circunstância de possuir um olho de vidro. Incapaz de enxergar o lado visível do mundo, tal olho, para a criança, representava a possibilidade de se ver o invisível e inventar a poesia ausente da previsibilidade do cotidiano.

A qualidade literária de Bartolomeu Campos de Queirós, patente e reconhecida em sua já extensa obra, atinge aqui sua expressão máxima, sem perder a capacidade de comunicação com o público jovem ao qual prioritariamente se dirige, num texto que atinge a inteligência e a sensibilidade de leitores de todas as idades.

Antonio Carlos Secchin e Eduardo Portella, membros da Academia Brasileira de Letras – ABL - e Laura Sandroni, membro do júri do Prêmio HCA-IBBY.

* Parecer do júri do Prêmio Nacional Nestlé de Literatura, em 2005, sobre a obra vencedora *O olho de vidro do meu avô*.

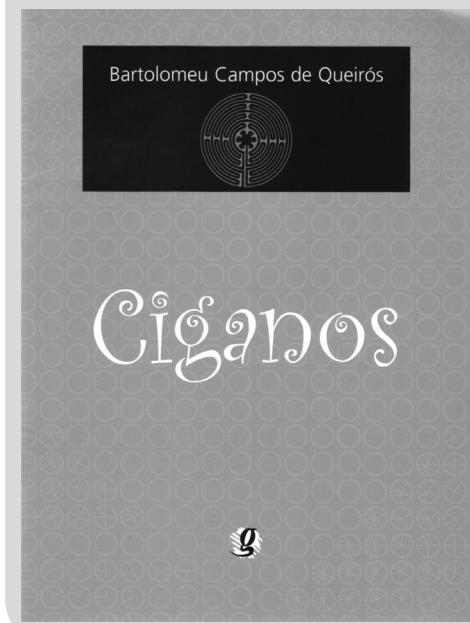
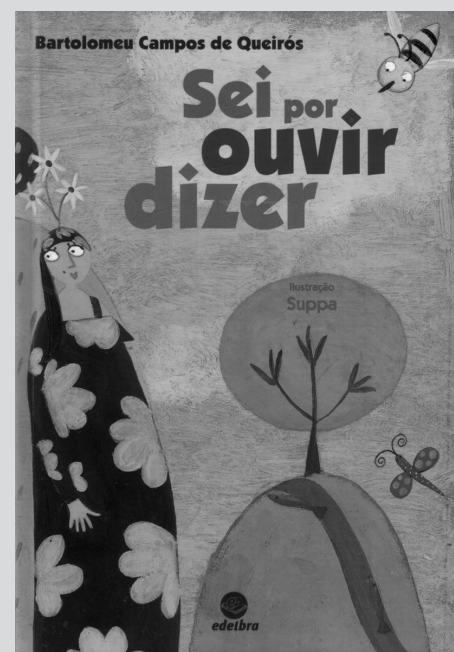
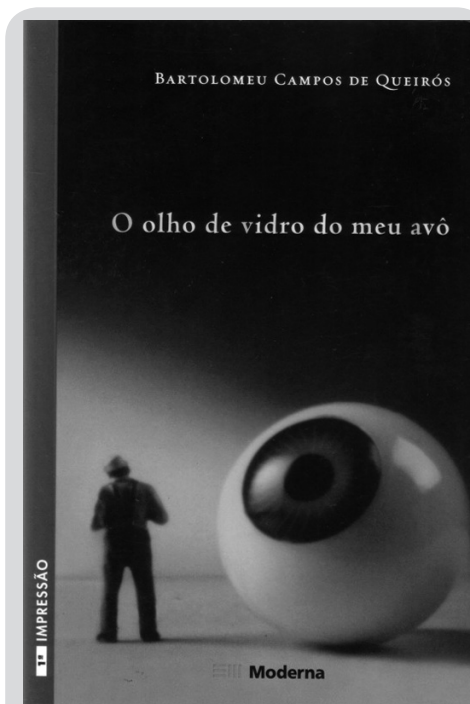
7 - *Sei por ouvir dizer*. Edelbra, 2007.

Bartolomeu vem contar o interessante caso de uma mulher com três nascimentos, consigo vivendo três diferentes possibilidades, por ser senhora e sorrir por três ângulos distintos do seu próprio rosto, moradora na terra do ontem, na vila do hoje e na capital do amanhã. Três e bons eram seus aniversários que aconteciam no dia de são nunca, no feriado de nossa senhora do sempre e no dia da mentira

Com a sorte da dúvida, o autor-narrador divide-se

nos papéis de inventor, ouvinte e crítico da própria sugestão. Teria sido não-ter-nada-para-fazer que o fizera pensar na existência dessa senhora? Mas os vizinhos alertavam, em especial, o senhor Trindade que ali ela chegara, num mês sem semanas, e havia construído uma casa três vezes pequena, numa ilha chamada Tríplice

Tirando-nos assim daqui rumo a lugares onde a crônica vira sonho, Bartô desalinha de invenção um cotidiano diáfano, frágil com vidro e lentes de cristal. Pois é para sentir e pensar que a mulher lhe deixa três pares de óculos: um para ver o perto, outro para ver o longe e o terceiro para procurar os dois. O narrador ainda garoto os usa, depois os perde — quem agora poderá descobri-los?



O livro intercala páginas ilustradas e duplas-páginas só imagem — a ilustração de Suppa, intervalando a prosa poética, dá tempo pra fazer suspiro e pegar de volta o pensamento perdido, nuns matizes de sensação bem fauvista nalgumas figuras que poderiam ser mais Matisse para desalinhar o leitor com o mesmo feito que o novelo verbal.

Peter O' Saga, especialista em literatura infantil e juvenil

8 - *Ciganos*. Global, 1982

O escritor mineiro Bartolomeu Campos de Queirós, conhecido como o “tecelão de imagens e sonhos”, nesse livro centra a narrativa nos sentimentos e emoções de um menino que observa, com encantamento e medo, a chegada e a partida dos ciganos em sua cidade. De sua solidão, da falta de afeto paterno, vivencia o desejo de ser roubado por aquele povo nômade e misterioso, de ser levado para além dos muros de seu mundo e conhecer outros lugares. Para um menino, assim só, os ciganos eram uma espécie de sol que acordava os afetos. (...) Por todo tempo ele velava cada movimento daquele povo transitório e feliz. (...) O medo da partida, desavisada, dos ciganos o incomodava. Não ser levado e continuar reparando as nuvens e descobrindo figuras fugazes, seguidamente. A prosa poética, característica marcante na criação de Bartolomeu Campos de Queirós, remete o leitor - jovem ou adulto - a uma reflexão sensível sobre a alma humana.

Fonte: <http://www.globaleditora.com>

9 – *Faca afiada*. Moderna, 1992.

A narrativa focaliza acontecimentos cotidianos de uma família de classe média pobre sob o prisma da imaginação e dos tormentos de um menino que ouve uma conversa particular entre o pai e a mãe e faz inferências equivocadas, vivendo então um período de emoções contraditórias e aflitivas. Antes de dormir escuta que o pai está preparando e combinando

com a mãe uma morte como se fosse um assassinato. Todo o diálogo leva-o, e também o leitor, a acreditarem que o pai quer se ver livre da velhinha viúva (avó) que vive com eles e tem dado muito trabalho e preocupação, além de despesas...

A partir de uma simples ocorrência familiar o texto propõe uma reflexão acerca dos delírios e medos que povoam a imaginação das crianças, da velhice, da morte e das condições sociais adversas, com sensibilidade e poesia, como é próprio da premiadíssima prosa de Bartolomeu Campos de Queirós.

Constitui uma rica experiência estética e emocional para crianças que lêem de forma independente e que, naturalmente, vivenciam, no seu dia a dia, a ansiedade própria da pré-adolescência.

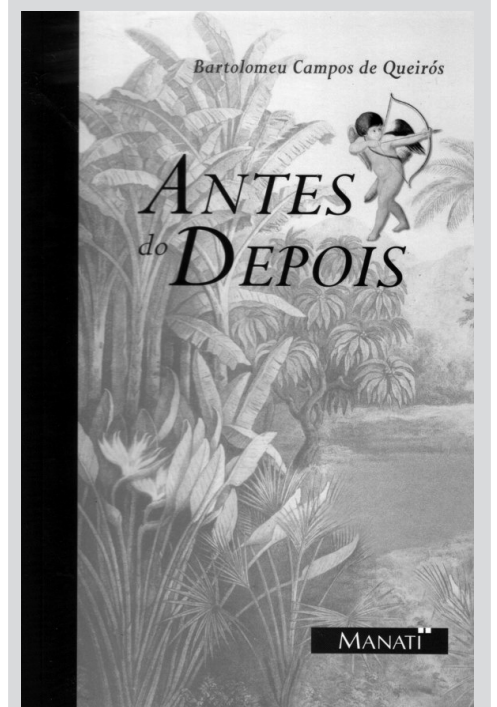
O texto ocupa cerca de 20 das 40 páginas do livro, que é entremeado de ilustrações de Odilon de Moraes, alusivas aos episódios do enredo. Os desenhos são figurativos, mas não têm motivação hiper-realista. Elaborados com delicada técnica mista de aquarela e nanquim, em cores suaves, intensificam o clima de mistério e angústia criado pela narrativa...

Lucília Garvez, especialista em literatura infantil

10 - *Antes do depois*. Manati, 2006.

Insistindo na ideia “Se eu não lembro, também não quero esquecer” (p.141), esta prosa poética de Bartolomeu Campos de Queirós vai, em 1ª pessoa, narrando o batizado do protagonista, pois conforme diz ele, “(...) Afinal o batizado era meu e não me custava estar presente” (p.14). Recursos dos mais interessantes este de Bartolomeu: num vai e vem de reflexões, ele parte do batizado para divagar sobre os mais diferentes assuntos – seu relacionamento com o pai, com a mãe, com o mundo – para novamente retomá-lo.

E, assim, ora nos fazendo rir, ora nos fazendo chorar, ele sai da igreja conosco para olhar mais de perto aquilo que nos quer fazer enxergar, voltando a ela depois para de lá sair com um novo achado. Lindo. Sensível.



Doce. Doído. Sua descrição do doce de leite mineiro: “Quando o doce é por demais doce faz doer os ouvidos. Em Minas tem um doce de leite tão doce que deveria vir acompanhado se um remédio para dor de ouvido.” p. 18 , pode ser usado como metáfora de seu texto. Tanta beleza junta acaba fazendo doer. E quanto!

Sueli Cagneti, membro do júri do Prêmio FNLIJ

Resenha sobre o livro *Vermelho Amargo*, publicado no jornal Estado de Minas, em 09/04/2011

Vermelho amargo

Bartolomeu Campos de Queirós lança romance de maturidade.
Autor é um dos mais premiados escritores brasileiros no campo da literatura infanto juvenil

Por João Paulo

Em 40 anos de trajetória literária – o primeiro livro, *O peixe e o pássaro*, foi publicado em 1971 –, Bartolomeu Campos de Queirós vem construindo uma obra que conquistou respeito no Brasil e em vários países, com distinções e prêmios consagradores. No entanto, continua marcado até hoje pela definição estreita de autor de livros infantojuvenis. O julgamento é incorreto por vários motivos: Bartolomeu escreve para o ser humano, que não tem idade; destinar livros para as crianças é a mais nobre e ambiciosa das inclinações literárias; dar à criança acesso ao mundo da fantasia é tarefa civilizadora; despertar nas pessoas maduras o senso do mistério que nos visita de graça na infância é um presente generoso, quase magia.

O novo livro do autor, *Vermelho amargo*, editora Cosac Naify, está destinado a ser um ponto de referência na literatura brasileira contemporânea. Volume enxuto, com pouco mais de 60 páginas, apresenta ao leitor um mergulho na memória pessoal. É, ao mesmo tempo, uma pesquisa histórica sobre a formação brasileira vista do interior, uma história de família, uma aposta na força seletiva das lembranças que ficaram da infância, intensa poesia sobre o sentido da felicidade e a tentativa de definir a descoberta do amor. Em cada um desses veios, com prosa poética potente, Bartolomeu acrescenta doses de fantasia e invenção. Esse livro pode ser lido como novela autobiográfica, sucessão de poemas íntegros a cada parágrafo, esforço memorialístico concatenado pela busca do sentido e até mesmo como ensaio sobre a dor e a redenção. Ou, o que talvez seja mais exato, tudo isso ao mesmo tempo.

Vermelho amargo é narrado em primeira pessoa por alguém cujo nome não ficaremos sabendo. Ninguém tem nome no livro, como a indicar que se trata da grande família humana. O narrador também não identifica sua cidade, ficando claro que se trata de um entre tantos povoados do interior mineiro ou, quem sabe, de uma aldeia russa – que, de acordo com Tolstói, é o único sítio, pela proximidade afetiva, do qual se pode engendrar a universalidade. Entre memórias e fantasia, a única certeza é dada pelo enquadramento da natureza: estamos

em maio, quando as manhãs são secas e frias. O narrador, confesso, principia dizendo ser “tentado a mentir-me”.

O começo indistinto das memórias, no entanto, vai ganhando substância no correr dos parágrafos, que são separados graficamente uns dos outros, manufaturados como poemas que se acercam de diferentes motivos. Às vezes descrevem o ambiente, outras recuperam memórias, em alguns momentos falam de dor, adiante incorporam novos personagens, e até traduzem em palavras o indizível da descoberta amorosa, sublimemente intransitiva. *Vermelho amargo* é a história de um menino que tira de dentro de si a certeza do amor.

A primeira experiência psicológica é a da dor. “Vim ao mundo molhado pelo desenlace. A dor do parto é também de quem nasce. Todo parto decreta um pesaroso abandono.” O menino que percebe o poder curativo do beijo da mãe logo se vê órfão e sem lugar, numa casa que ganha os ares do provisório que se eterniza. O que era lar se torna exílio. O narrador se vê então apresentado à metáfora que parece englobar toda a sua vida a partir daí: o tomate. Com seu vermelho e ubiquidade, ele é repartido a faca em cada refeição, pela determinação seca da madrasta, entre todos os integrantes da família. Pela fatia fina, por meio da qual é possível ver o arroz, o feijão e a abóbora, perpassa toda a relação do menino com o mundo das coisas e dos homens. Uma história de perda e construção.

A família que enquadra o universo moral do narrador tem no pai, caminhoneiro que parece destilar no suor o álcool que consome, um dos vértices, que vai desenhando a geometria afetiva do grupo: o irmão que gosta de comer vidro, a irmã que sonha nascer a cada dia num país diferente, a que borda em ponto de cruz seu destino até se atar ao marido ruim, a menina que tem um gato mudo e por isso resolve miar. Há ainda o padre (que anda de bicicleta e tem calças prosaicas por baixo da batina), a moça de duas almas, a mulher da sombrinha vermelha, o homem de guarda-chuva que morre de nó nas tripas. O retrato do Brasil que surge das memórias do

menino (tudo que fica da lembrança deve ser importante, ou teria sido esquecido) é arcaico e permanente. O reconhecimento pode se dar pela identificação ou estranhamento, não há chance para a indiferença.

O livro não se resolve como a fabulação de um rito de passagem, menos ainda como compreensão redentora dos mistérios gozosos e dolorosos (muito mais) da infância, que vem depois, com a maturidade. O apelo é pela força originária da memória, que não passa e vive em nós para sempre. “A culpa é relativa ao tamanho da memória. Esquecer é desexistir”. Que o passado tenha que ser lavado com lágrimas é uma exigência da natureza. Como ilumina o autor, só se salga a carne morta.

AFINIDADES. Há a tentação de buscar no livro de Bartolomeu relação com outras obras literárias brasileiras. Parece mesmo haver várias pontas possíveis de diálogo, seja com a forte tradição memorialística de Minas, de Pedro Nava a Carlos Drummond de Andrade (seria possível pensar que *Vermelho amargo* sintetiza a prosa extensa de Nava com sua pesquisa de origens com a contenção poética do passado mítico de Drummond); pode-se ver ainda identidades com a narração de um menino que sofre da falta de amor da mãe em *Infância*, de Graciliano Ramos; ou a presença do eco bíblico da prosa de Raduan Nassar em *Lavoura arcaica*; e até mesmo o senso de mistério e revelação de Adélia Prado em suas memórias de falta da mãe.

Vermelho amargo é um livro forte, profundo, que se alia, em outro registro, com outras obras do autor que têm a memória como fulcro, mesmo que tecidos em linguagem que comodamente foi classificada como infantojuvenil, como *Índex*, *Ciganos*, *Ler, escrever e fazer contos de cabeça*, *Por parte de pai* e *O olho de vidro do meu avô*. Abre ainda novo veio expressivo na arte do escritor, que mantém a musicalidade delicada presente em seus livros, agora, no entanto, perpassada por uma polifonia muito mais ambiciosa e realizada, que cobrou coragem ao autor. Cumprimento da sina anunciada na epígrafe: “Foi preciso deitar o vermelho sobre papel branco para bem aliviar seu amargor”.

Lista da obra completa do autor

ANOS 70

- O peixe e o pássaro.** Miguilim, 1971. Editora atual: Saraiva.
Pedro. Miguilim, 1973. Editora atual: Global.
Raul - Luar. Allis, 1978. Editora atual: RHJ.
Onde tem bruxa tem fada. Moderna, 1979

ANOS 80

- Ciganos.** Miguilim, 1982. Editora atual: Global.
Mario ou de pedras, conchas e sementes. Miguilim, 1983. Editora atual: Global.
Ah! Mar... Quinteto, 1985. Editora atual: RHJ.
As patas da vaca. Miguilim, 1985. Editora atual: Global.
Cavaleiros das sete luas. Miguilim, 1986. Editora atual: Global.
Coração não toma sol. FTD, 1986
Estória em 3 atos. Miguilim, 1986. Editora atual: Global
Correspondência. Miguilim, 1986. Editora atual: RHJ
Pintinhos e pintinhas. FTD, 1986
Apontamentos. Formato, 1988
Papo de Pato. Formato, 1989
Indez. Miguilim, 1989. Editora atual: Global

ANOS 90

- Escritura.** Quinteto, 1990. Editora atual: Mazza
Minerações. RHJ, 1991
Faca afiada. Moderna, 1992
Diário de classe. Moderna, 1992
Por parte de pai. RHJ, 1995
Ler, escrever e fazer conta de cabeça. Miguilim, 1996. Editora atual: Global

ANOS 2000

- Rosa dos ventos.** Miguilim, 2000. Editora atual: Global
Bichos... são todos bichos. Brasil, 2001
De não em não. Miguilim, 2001. Editora atual: Global
Flora. Miguilim, 2001. Editora atual: Global
Os cinco sentidos. Miguilim, 2002. Editora atual: Global
Mais com mais dá menos. RHJ, 2002
A Matinta Perera. FTD, 2002
Olhar de bichos. Dimensão, 2002
Piolho. RHJ, 2003
Menino de Belém. Moderna, 2003
Vida e obra de Aletícia depois de Zoroastro. Moderna, 2003
Rosa e Rosa. Franco, 2003
Até passarinho passa. Moderna, 2003
Para criar passarinho. Miguilim, 2004. Editora atual: Global

- O olho de vidro do meu avô.** Moderna, 2004
Entretantos. Conselho Regional de Psicologia, 2004
O guarda-chuva do guarda. Moderna, 2004
Pato pacato. Moderna, 2004
De letra em letra. Moderna, 2004
Formiga amiga. Moderna, 2004
Pé de sapo e sapato de pato. Brasil, 2004
Somos todos igualzinhos. Global, 2005
Sem palmeira ou sabiá. Peirópolis, 2006
Antes do depois. Manati, 2006
Para ler em silêncio. Moderna, 2007
Sei por ouvir dizer. Edelbra, 2007
O ovo e o anjo. Global, 2007
Foi assim... Moderna, 2008
Anacleto. Larousse, 2008
Menino inteiro. Global, 2009
Tempo de voo. Edições SM, 2009
Nascemos livres. SM, 2009
O livro de Ana. Global, 2009
ABC até Z. Larousse, 2009
- ## ANOS 2010
- Isso não é um elefante.** Abacatte, 2010
A árvore. Paulinas, 2010
Vermelho amargo. Cosac Naify, 2011
O fio da palavra. Galera Record, 2012

Livros traduzidos

- **Nest egg (Indez).** A Greenwood Book. Douglas L. McIntyre. Vancouver –Toronto – Canada, 1992. (inglês)
- **Las patas de la vaca** (As patas da vaca) Mexico: Libros del Rincón, 1992. (castelhano)
- **Skrukaeg (Indez)** Danemark: Gyldendal, 1992. (dinamarquês)

- **Por parte de pa** (Por parte de pai) Mexico: Fondo de Cultura Economico, 1998. (castelhano)
- **El ojo de vidrio de mi abuelo** (O olho de vidro do meu avô) Bogota Babel, 2004. (castelhano)
- **Leer, escribir y hacer cuentas de memoria** (Ler, escrever e fazer contas de cabeça) São Paulo: Global, 2006. (castelhano)

- **Dicen por ahí** (Sei por ouvir dizer) Mexico: SM, 2007. (castelhano)
- **Tiempo de vuelo** (Tempo de voo) Mexico: SM, 2009. (castelhano)
- **Dis-moi le temps** (Tempo de voo) France: Le Sorbier, 2009. (francês)

Atividades profissionais

- Membro do Movimento por um Brasil Literário, desde 2009
- Membro da Academia Mineira de Letras, desde 2009
- Assessor da Secretaria Estadual de Educação, Minas Gerais
- Membro da Equipe Nacional Curricular, Ministério da Educação
- Colaborador da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil
- Colaborador do Programa Nacional de Incentivo à Leitura - PROLER
- Assessor de Arte e Educação, Secretaria Estadual de Educação, Minas Gerais.
- Membro do Conselho Estadual de Cultura do Estado de Minas Gerais
- Assessor da Fundação Nacional de Arte – FUNARTE, Rio de Janeiro
- Professor do Ministério da Educação – MEC/FSP
- Professor/Coordenador Sistema Pitágoras de Ensino, Minas Gerais
- Presidente da Fundação Palácio das Artes, Minas Gerais
- Presidente da Aliança Francesa, Minas Gerais
- Membro do Conselho Curador da Escola Guignard, Minas Gerais
- Assessor Cultural da Biblioteca Pública, Minas Gerais
- Coordenador do Projeto de Arte e Educação – Prodearte, Minas Gerais
- Membro Curador do Grupo Corpo, Minas Gerais
- Editor da RHJ, Belo Horizonte, Minas Gerais
- Editor da Miguilim, Belo Horizonte, Minas Gerais

Prêmios e outras distinções

- Homenagem do Centro Educacional Anísio Teixeira – CEAT, Festa Literária de Santa Teresa - FLIST, Rio de Janeiro, 2011
- Homenagem das cidades em Minas Gerais: Pitangui (2009); Papagaio (2009) e Pará de Minas (2010)
- Membro da Academia Mineira de Letras, 2009
- Homenagem do Congresso de Leitura do Brasil – COLE, Campinas, SP, 2009
- Prêmio Iberoamericano Fundação SM IV edição, 2008
- Prêmio Selo de Ouro – Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil: diferentes categorias em vários anos
- Altamente Recomendável - Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, diferentes categorias em vários anos
- Prêmio Hors-concours da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil
- Prêmio Jabuti – Câmara Brasileira do Livro: em diferentes edições
- Prêmio Associação Paulista de Críticos de Arte Bienal de São Paulo - APCA
- Prêmio Câmara Brasileira do Livro
- Academia Brasileira de Letras
- Nestlé de Literatura
- Diploma de Honra do IBBY
- Quatrième Octogonal – France
- Medalha Rosa Blanca – Cuba
- Prefeitura de Belo Horizonte, Minas Gerais

Distinções, condecorações e medalhas por seu trabalho como educador

- Medalha da Inconfidência Mineira, Governo do Estado de Minas Gerais
- Comenda Lucia Casassanta– Fundação AMAE Minas Gerais
- Troféu Gentileza Urbana, Associação dos Arquitetos do Brasil
- Medalha Santos Dumont – Governo do Estado de Minas Gerais
- Chevalier de L'ordre des Arts et des Lettres – Governo francês, 1987
- Troféu Associação de Críticos de Teatro

Frases do eterno Bartolomeu

Bartolomeu Campos de Queirós concedeu duas entrevistas ao jornalista Marcio Vassallo, nos anos de 2001 e 2003, que expressaram o pensamento do autor sobre literatura e educação no Brasil. Como exemplos, reproduzimos duas dessas frases.

A literatura me paralisa quando o real me invade e me arranha. Vejo nela um carinho buscando camuflar as indelicadezas. E sinto que ainda não escrevi o texto que gostaria. Tudo que fiz até agora me parece um ensaio, uma procura, uma busca. Meu desafio é de estabelecer um texto capaz de esperar até as crianças. Carrego a minha infância cotidianamente. Daí o meu respeito pelas crianças, fala retirada da entrevista, publicada no Notícias do Salão – Edição Especial – setembro de 2003 – em comemoração aos 30 anos de carreira ao autor.

A educação de qualidade é aquela que nos convida a pensar sobre a nossa própria fragilidade. Quem é forte conhece bem os seus próprios limites. O meu conceito de fortaleza é um conceito do limite. E uma educação de qualidade me faz pensar sobre as minhas fraquezas, sobre a nossa mais precária humanidade, fala retirada da entrevista, publicada na Folha Proler – dezembro 2001 – sobre a importância do PROLER.

Um grupo de pessoas escreveu como foi perder um grande amigo como o Bartô e a falta que ele irá fazer para a literatura



A FNLIJ como parceira e amiga de Bartolomeu Campos de Queirós reuniu no site da instituição: cartas, depoimentos e entrevistas com o autor, sobre a sua obra e a tristeza de perder um amigo especial, além de grande escritor. Veja os nomes de algumas pessoas que escreveram sobre Bartô: Aécio Neves; Ana Maria Machado; Dolores Prades; Frei Betto; Lygia Bojunga; Marcio Cafiero e Marina Colasanti. Leia os textos no site www.fnlij.org.br

MANTENEDORES DA FNLIJ

A Girafa Editora Ltda; Abacate Editorial Ltda; Ação Social Claretiana; Agência Literária BNSR; Artes e Ofício Editora Ltda; Autêntica Editora Ltda; Associação Brasileira de Editores de Livros; Berlendis Editores Ltda; Brinque-Book Editora de Livros Ltda; Callis Editora Ltda; Câmara Brasileira do Livro; Ciranda Cultural Edit. e Dist. Ltda; Cortez Editora e Livraria Ltda; Cosac Naify Edições Ltda; DCL - Difusão Cultural do Livro Ltda; Duna Dueto Editora Ltda; Edelbra Ind. Gráfica e Editora Ltda; Edições Escala Educacional Ltda; Edições SM Ltda; Ediouro Publicações S/A; Editora 34 Ltda; Editora Ática S/A; Editora Bertrand Brasil Ltda; Editora Biruta Ltda; Editora Brasiliense S/A; Editora Cia dos Livros; Editora Dimensão Ltda; Editora do Brasil S/A; Editora FTD S/A; Editora Fundação Peirópolis Ltda; Editora Globo S/A; Editora Guanabara Koogan S/A; Editora Iluminuras Ltda; Editora José Olympio Ltda; Editora Lê Ltda; Editora Manole Ltda; Editora Melhoramentos Ltda; Editora Moderna Ltda; Editora Mundo Jovem 2004 Ltda; Editora Nova Alexandria Ltda; Editora Nova Fronteira S/A; Editora Objetiva Ltda; Editora Original Ltda; Editora Planeta do Brasil Ltda; Editora Positivo Ltda; Editora Projeto Ltda; Editora Prumo Ltda; Editora Pulo do Gato Ltda; Editora Record Ltda; Editora Rideel Ltda; Editora Rocco Ltda; Editora Scipione Ltda; Editora Shwarcz Ltda; Editora Vermelho Marinho - Usina de Letras Ltda; Elementar Publicações e Editora Ltda; Frase e Efeito Editorial Ltda; Fundação Cultural Casa de Lygia Bojunga Ltda; Geração Editorial Ltda; Girassol Brasil Edições Ltda; Gráfica Editora Stampa Ltda; Global Editora e Distribuidora Ltda; Imperial Novo Milênio Gráfica e Editora Ltda; Inst. Bras de Edições Pedagógicas -IBEP (RIO); Instituto Cultural Aletria Ltda; Jorge Zahar Editora Ltda; Larousse do Brasil Participações Ltda; Littere Editora Ltda; Livraria Martins Fontes Editora Ltda; Livros Studio Nobel Ltda; Manati Produções Editoriais Ltda; Marcos Pereira; Martins Editora Livraria Ltda; Livros Studio Nobel Ltda; Mazza Edições Ltda; Meneghetti Gráfica e Editora Ltda; Noovha América Editora Distrib. de Livro Ltda; Pallas Editora e Distribuidora Ltda; Paulinas - Pia Soc. Filhas de São Paulo; Paulus - Pia Soc. de São Paulo; Pinakothke Artes Ltda; Pinto e Zincone Editora Ltda; Publibook Livros Papeis S/A - L&PM; Publicação Mercuryo Novo Tempo; PwC; RHJ Livros Ltda; Rovel Edições e comércio de Livros; Salamandra Editorial Ltda; Saraiva S/A Livres Editores Ltda; Sindicato Nacional dos Editores de Livros - SNEL; Texto Editores Ltda; Uni Duni Editora de Livros Ltda; Universo dos Livros Editora Ltda; Verus Editora Ltda.

EXPEDIENTE Fotelito e Impressão: PwC • Editor: Elizabeth D'Angelo Serra • Jornalista: Claudia Duarte – Mtb. 27.571/RJ • Diagramação: Horacio Costa Design • Gestão FNLIJ 2011-2014 • **Conselho Curador:** Alfredo Gonçalves, Carlos Augusto Lacerda, Gisela Zincone, Laura Sandroni, Silvia Negreiros e Suzana Sanson. **Conselho Diretor:** Isis Valéria (Presidente) e Marisa de Almeida Borba. **Conselho Fiscal:** Henrique Luz, Marcos da Veiga Pereira e Terezinha Saraiva. **Suplentes:** Anna Maria Rennhack, Jorge Carneiro e Regina Bilac Pinto. **Conselho Consultivo:** Alfredo Weiszflog, Ana Lígia Medeiros, Annete Baldi, Bia Hetzel, Cristina Warth, Eduardo Portella, Eny Maia, José Alencar Mayrink, José Fernandes Ximenes, Lília Schwarcz, Lygia Bojunga, Maria Antonieta Antunes Cunha, Paulo Rocco, Propício Machado Alves, Regina Lemos, Rogério Andrade Barbosa, Silvia Gandelman e Wander Soares. • **Secretária Geral:** Elizabeth D'Angelo Serra. • **Colaboração:** Ninfa Parreiras.

Associe-se à FNLIJ e receba mensalmente o Notícias, em versão impressa.

telefone: 21 2262-9130
e-mail: fnlij@fnlij.org.br
www.fnlij.org.br

APOIO



Rua da Imprensa, 16 - 12º andar cep: 20030-120 Rio de Janeiro - Brasil Tel.: (0XX)-21-2262-9130 Fax: (0XX)-21-2240-6649 E-mail: fnlij@fnlij.org.br

IMPRESSO